

ct

Idus

de
Vanesa Sotelo

traducción de
João Amorim

(fragmento en portugués)

CENA 2: ALL THE LONELY PEOPLE.

13 de março de 2020 – Nós Diário: Declarado estado de emergência em Espanha. Entre os poderes conferidos ao Governo está o de limitar a circulação de pessoas ou intervir nas fábricas, requisitar bens, impor restrições individuais obrigatórias e multas pelo seu incumprimento.

MARCO

Ultimamente todos somos pessoas solitárias que caminham em silêncio.

XULIA

Não pensei que isto nos pudesse acontecer.

IDA

Nunca pensei que isto aconteceria connosco.

MARCO

Mas quando te acontece uma vez, sabes que nunca vais ficar a salvo.

IDA

Ficar a salvo.

XULIA

A salvo.

TODOS

O que significa ficar a salvo?

IDA

Parecia um problema da China.

XULIA

Parecia um problema da Coreia.

MARCO

Um problema do Irão.

IDA

Um problema da Itália.

MARCO

E que nunca ia chegar até nós.

TODOS

Mas quem somos nós?

XULIA

Nós somos aqueles que tratavam com indiferença o que se passava na China.

MARCO

No Irão.

XULIA

Na Coreia.

IDA

Em Itália.

XULIA

E o que acontecerá no continente africano e na América Latina.

IDA

Há médicos cubanos a ajudar em Itália? Não sabia.

XULIA

Agora? Agora estou em casa.

IDA

Sim, em casa.

MARCO

É estranho sentires-te em casa quando nunca pertenceste a lado nenhum.

IDA

Isso do lar nunca me pareceu boa ideia.

XULIA

Não pensei que me pudesse ir buscar.

IDA

Lá sentias-te segura, mas a mim nunca me pareceu boa ideia.

XULIA

Não se preocupe. Apanhei um autocarro.

IDA

Não te preocupes. Não vou ficar sozinha.

XULIA

Não sei se aguentaria 15 dias enfiada no meu quarto.

IDA

Ele não é nenhum estranho. Tem o mesmo nome do meu filho.

MARCO

Ela disse-me que se um dia precisasse de ajuda viesse a esta casa.

IDA

Tu, no lar, vives rodeada de estranhos. Ele é parecido com o meu filho.

XULIA

Se precisar de alguma coisa ligue. Estarei contactável.

IDA

Ligarei todos os dias à hora habitual.

XULIA

Nunca tive medo.

IDA

Eu estou farta de ter tanto medo.

MARCO

Nós que já perdemos tudo alguma vez, também já perdemos o medo.

IDA

Um abraço.

XULIA

Um abraço.

MARCO

Há tanto tempo que não uso essa palavra: abraço.

IDA

Ah, ainda tenho a tua coleção de discos. Não estás aqui, mas podemos ouvir algo juntas. Como sempre fizemos, antes de nos separarmos.

CENA 3: SAFE EUROPEAN HOME

17 de março de 2020 - El País: Europa prepara-se para fechar as fronteiras durante 30 dias.

IDA

Não aplaudes?

XULIA
É obrigatório?

IDA
Toda a gente foi à varanda para isso.

XULIA
Sempre gostei ser do contra.

IDA
Tu és enfermeira, certo? Os aplausos também são para ti.

XULIA
Preciso mais de equipamentos de proteção individual e menos aplausos.

IDA
São todos como tu?

XULIA
Como?

IDA
Tão desagradáveis.

XULIA
Deve ser do empobrecimento. A infância da filha que não pude ter, estaria agora a pagar o resgate aos bancos e a sua adolescência estaria confinada. Espero que saiba que, quando precisar de ajuda, esta enfermeira desagradável estará lá para cuidar de si. Eles pagam-me para salvá-la e não para a fazer rir.

IDA
Nadia Comaneci. Sabes quem foi?

XULIA
Uma desertora.

IDA
Uma ginasta com um sorriso constante.

XULIA
Sem a técnica, não creio que sejam os sorrisos a conquistar-lhe as medalhas. *(Pausa)* O que não percebo é porque que nos têm de colocar em perigo. Porque acolhe um estranho em sua casa?

IDA
Porque precisava.

XULIA

É um migrante?

IDA

E isso importa?

XULIA

Sim.

IDA

Ele é de Vigo. E não é um estranho. Chama-se Marco, como o meu filho.

XULIA

Não tem o direito de nos colocar em risco.

IDA

Tu és a única que está exposta ao vírus. É o que todo o prédio diz.

XULIA

Só venho cá para dormir.

IDA

E eu passo o dia todo em casa.

XULIA

E não se aproxime tanto. Temos de manter a distância social.

IDA

Tenho 85 anos. Passei por duas guerras e três enfartes. Se isso ainda não acabou comigo, ainda tenho alguma confiança no meu futuro.

XULIA

Eu parei de pensar nisso tudo.

IDA

Eu confio.

XULIA

Não há ninguém em que se possa confiar.

IDA

Há muito tempo que vivo com medo. Perdi-o. Uma sociedade com medo é uma sociedade doente.

XULIA

É sobre prevenção, mas somos uma sociedade doente. E não culpe nenhum vírus. Isto é claro: uma sociedade que maltrata os mais velhos, uma sociedade que despreza o seu património, que destrói a sua diversidade, que permite que a roubem e que trafica tudo o que pode, é uma sociedade doente e

egoísta.

IDA

A questão não é o que os outros fazem. É o que tu podes fazer.

XULIA

Trabalho num hospital público. Tento que as pessoas voltem vivas para casa.

IDA

E eu acolho uma pessoa que precisava.

XULIA

Até quando?

IDA

Até quando ele precisar.

XULIA

O sacrifício pessoal é quase sempre contraproducente.

IDA

É uma alternativa. Porém não é um sacrifício.

XULIA

Não. Você é simplesmente irresponsável.

IDA

É algo que me agrada.

CENA 4 : THINK THE TIME IS RIGHT FOR THE PALACE REVOLUTION

18 de março de 2020 - Eldiario.es: Protesto às varandas contra o Rei para que o dinheiro colocado em paraísos fiscais seja investido na saúde.

XULIA

Todos saíram para aplaudir, mas para protestar contra quem rouba ninguém se mexeu. Mas agora saíram para ouvir o que tenho a dizer. Ou ouvirão atrás das suas janelas, dependendo do seu caráter. Porque é isto que penso quando ouço esses aplausos. Não penso em apoio, penso nos cortes.

Eu ouço os aplausos e penso no austericídio.

Penso no desinvestimento nos cuidados primários e ouço os aplausos.

Penso em cada demissão de cada chefe de serviço nos cuidados primários face à precariedade e ouço os aplausos.

Penso na falta de pediatras e ouço os aplausos.

Penso nos processos jurídicos abertos e nas destituições e ouço os aplausos.

Penso em todos os meus contratos assinados num só mês. E os aplausos.

Penso nos 300.000 euros direcionados para a pesquisa da cura para o cancro. E os aplausos. E nos 300 mil euros que recebe o vencedor do Big Brother. E nos 300 mil euros que Enrique Iglesias recebeu por um vídeo para promover o turismo aqui, na Galiza.

Aplausos.

Penso nos centros de saúde vazios. Aplausos.

E na assistência por telefone. Aplausos.

E nos hospitais controlados por fundos de investimento. Aplausos. Aplausos. Aplausos.

Caminhei por entre aplausos sem deixar de pensar em tudo isto que nos está a matar.

Chego à entrada, por entre aplausos, sem parar de pensar em tudo isto que nos está a matar.

Enquanto continuam os aplausos subo as escadas e vejo um bilhete deixado pelos meus vizinhos à porta de minha casa. Diz o bilhete assinado pelos meus vizinhos: “Aplaudimos o teu valioso trabalho, mas pela saúde de todas as pessoas que vivem neste prédio, pedimos que não venhas dormir a tua casa. Pedimos a tua compreensão. Um abraço. Assinado: a vizinhança.”

Os aplausos param de repente porque não consigo pensar em nada, porque não consigo digerir estas palavras. Não consigo digerir as notícias. Não consigo digerir os contratos. Nem os protocolos. Nem as boas práticas. Nem a falta de organização. Nem a falta de proteção adequada. Nem a falta de compreensão. Então só posso vomitar tudo isto e se alguém tivesse o mínimo de vergonha, se alguém tivesse o mais ínfimo sentimento de vergonha, estariam à sua varanda com uma panela na mão a exigir que os 65 milhões de euros que o Rei Juan Carlos I desviou para paraísos fiscais fossem, no mínimo, devolvidos e investidos na saúde pública.

Então olho para a panela e dou-me conta da minha ingenuidade. Olho para a panela e dou-me conta desta revolta, desta raiva mal direcionada neste continente de revoluções enfiado dentro de suas casas. Impotente. Com a única esperança de se salvar sozinho. Olho para a minha panela e para as varandas vazias nas quais ninguém aplaude.